



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## MATA VIRGEM: A FEMINIZAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO NOS RELATOS DE VIAGEM DOS CRONISTAS DO SÉCULO XVIII E XIX

Izis Melo da Silva<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O escritor é um fabulador, mas frequentemente também, à sua própria revelia, um denunciador.

(MEMMI, 2007, p.57)

As formas que o ser humano utilizou e utiliza para se comunicar, registrar e se eternizar na história são várias: as pinturas rupestres, os kenés indígenas, as adinkras, os geoglifos, os quipos a escrita e outras tantas que não teremos como listar, até por não conhecermos ou reconhecermos todas as formas existentes utilizadas.

Especificamente sobre a escrita, foi e é utilizada como argumento para super-valorizar ou sub-valorizar culturas e povos. Quem tem o conhecimento se utiliza desse argumento para inferiorizar grupos que não o possuem ou que o fazem de forma diferente. Os registros escritos estão sempre seguidos de registros iconográficos, imagens, desenhos que reforçam e valorizam o que o relator disse. Assim, “tanto a interpretação do passado quanto a feitura de mapas são formas de hierarquizar o passado”. (SOUZA, 2015, p.46)

Várias foram as terras com disposição, segundo os desbravadores, para serem estudadas, catalogadas e exploradas, mas a Amazônia, que séculos atrás não era Amazônia, se apresentava com encantadoras possibilidades. A escuridão das águas, a floresta, as espécies, os indígenas, a fauna, a flora, os minérios. Os depoimentos dos relatores denunciam o quanto esta terra era passível de ser

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Programa de Pós Graduação Letras: Linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre-UFAC. [iziscairir@gmail.com](mailto:iziscairir@gmail.com)



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

“descoberta” e apresentada ao mundo, o quanto teria a oferecer e o quanto “eles” teriam a apresenta-la, afinal eles possuem a língua, a cultura, a religião, segundo “eles mesmos”, “eles são os civilizados”.

## 1-AMAZÔNIA

Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes. (GONDIM, 1994, p.9)

Concebida por meio de um discurso colonizador, desde o início de sua ocupação pelos não indígenas, tida como um universo de biodiversidade a perder de vista. Discurso formado devido as variadas espécies encontradas de fauna e flora, as águas, os rios, o Rio Amazonas, que recebeu vários nomes até ser o grande Amazonas, e suas tantas histórias de riquezas e mistérios contadas por seus visitantes não convidados, esta é a Amazônia.

Hoje tem em sua composição 9 estados brasileiros e 9 países definidos cartograficamente por mapas que dizem que parte pertence a quem, mas nem sempre foi assim, quando da divisão pelo Tratado de Tordesilhas que dividiu entre Portugal e Espanha esta parte do mundo, tentativa de acalmar os ânimos dos países desbravadores das terras sem dono, o que não teve tanto êxito, já que a disputa e árdua procura por itens comerciais era a palavra de ordem para essas nações.

E qual seria a forma para constatar que as terras possuíam potencial para receber futuros investimentos? Ora, enviar grupos de pessoas com condições de olharem para além do que é visto, pessoas com habilidades de percepção e capacidade de resistência a situações difíceis, diria até desumanas, para enfrentarem toda a tormenta que uma viagem, que poderia durar meses e até anos, e que muitas vezes para alguns não seria possível o retorno, quem teria condições de compor este grupo, homens, ser um expedicionário, desbravador é um perfil masculino.





Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

1865 e permanece até 1866, período suficiente para coletarem os dados que interessavam, como também registrarem qual sua visão a respeito da população local.

As expedições demandavam altos investimentos, pois exigia estrutura logística e humana muito bem paramentada vislumbrando que houvesse êxito em seu retorno, dentre estes estavam: relatos de viagem descrevendo tudo de real e maravilhoso que pudessem e que suas imaginações tivessem condições de descrever, localização de minérios, ervas, rios, florestas tudo o que possibilitasse ganho real ou investimentos futuros. Compostas por vários segmentos profissionais, se fazia necessário que cada homem que compunha o grupo dominasse aquilo a que se propunha, pois para ser rentável a expedição deveria prever um retorno financeiro muito alto. Além disso, os relatos dos cronistas deveriam ser convincentes para que não houvesse resistência para investirem em uma próxima expedição.

Os cronistas faziam seus registros a partir de seus olhares, descreviam o que viam e o que não viam, pois muitas vezes a descrição era sobre um fato em que não se fizeram presente. Exagero na descrição era uma constante, os cronistas precisavam de elementos que, mesmo não convencendo, fariam as pessoas acreditarem em seus relatos, sobre isto há o seguinte comentário sobre Colombo "acredita também (e não é o único na época) em ciclopes e sereias, em amazonas e homens com caldas" (TODOROV, 2010, p.21). Características comuns nos relatos das expedições que buscavam levantar o potencial de exploração no sentido comercial da região.

A partir do século XVIII essas expedições terão perspectivas mais científicas, inclusive sobre a medicina tropical, Michael Worboys (1996 apud LIMA e BOTELHO, 2014, p.147) afirma que:

[...] tal perspectiva médica desenvolveu-se principalmente a partir do século XVIII à medida que também se intensificou a exploração mercantil e colonial. Desde então os textos médicos foram veículos privilegiados do olhar negativo sobre os trópicos que seriam vistas como regiões atrasadas e propícias de doenças.





Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

de morte poderiam se dar por um (contra) ataque de indígenas, naufrágio ou por falta de alimentação. Mesmo estando em meio à floresta, desconheciam os hábitos alimentares, seja a partir da coleta ou da produção, saber que os nativos dispunham, mesmo desprovidos de algumas tecnologias, muito anterior à presença dos civilizados, como dito no trecho a seguir:

Sem a utilização de roda ou animais de tração, os povos indígenas descobriram e domesticaram mais da metade dos sete grãos alimentícios correntemente comercializados no mundo de hoje, além de parte substancial dos produtos agrícolas das prateleiras dos supermercados. É o milho, a batata-doce, a macaxeira, o tomate, o amendoim, a pimenta, o chocolate, a baunilha, o abacaxi, o mamão, o maracujá e o abacate. (SOUZA, 2015, p.49)

### 3-A AUSÊNCIA OU A POUCA PRESENÇA DAS MULHERES NAS EXPEDIÇÕES E NOS RELATOS

Com tantas adversidades não é estranho perceber o quanto não é relatada a presença de mulheres nessas expedições, sabendo da possibilidade, mesmo escassa, não temos registros que comprovem. Quando teremos notícias de mulheres em expedições será já no século XIX, “a senhora Godin tornasse a primeira mulher rio abaixo!”<sup>2</sup> (SMITH, 1990, p.10). Outra, em condições distintas de Madame Godin é Elizabeth Agassiz, que tem presença considerável na pesquisa, mesmo assim, muitos textos não a registram como cientista, omitindo sua importante participação nesta expedição, Expedição Thayer(1865-1866). Não deixando de considerar que, para desempenhar a função de relatora se fazia necessário dominar as letras, e isto não foi uma conquista fácil para as mulheres, principalmente da classe baixa, o que não era a realidade de Elizabeth Agassiz. As expedições levavam meses, com alto risco de morte e grande quantidade de homens, talvez, administrar a presença de mulheres fosse visto como algo complexo, seriam elas ali um elemento “tentador”?

---

<sup>2</sup> Isabela de Grandmaison y Bruno, esposa de Jean Godin de Odonais, que foi topógrafo de Charles Marie de La Condamine.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Mesmo com essa ausência física, a presença feminina, mesmo que no discurso, não ficará de fora dos relatos de viagem. Colonizar é um ato do macho, sempre embasado de elementos que remetam ao fálico, principalmente a cruz e a espada. Ato masculino que exige a força que só pode vir dos homens, a exploração que era o objeto principal das expedições, mas que será consubstanciada pelos registros escritos feitos pelos cronistas, são carregadas de termos e elementos que se remetem ao feminino. Todorov nos mostra como Colombo, ainda no século XV já utilizava o que chamamos feminização do espaço, acreditando que o Paraíso Terrestre seria no fim do Oriente, ele faz a seguinte menção:

Descobri que o mundo não era redondo da maneira como é descrito, mas da forma de uma pêra que seria toda bem redonda, exceto no local onde se encontra a haste, que é o ponto mais elevado; ou então como uma bola bem redonda, sobre a qual, em um certo ponto, estaria algo como uma teta de mulher, e a parte deste mamilo fosse a mais elevada e a mais próxima do céu[...] (Carta aos reis, 31.08.1498). (TODOROV, 2010, p22)

Podemos constatar como Colombo descreve o formato da terra a partir de uma fruta e, mais precisamente como os seios femininos, descrevendo, inclusive, o mamilo e como este está próximo ao céu, podemos aqui relacionar o termo céu com paraíso, que era algo muito inspirador e que comumente os cronistas estavam relacionando a paisagem.

O Novo Mundo faz com que cientistas despertem interesse em pesquisar e explorar a Amazônia com a finalidade de observarem, registrarem e catalogarem, principalmente a fauna e a flora do local, mas as relações, a presença humana também serão temas das pesquisas e registros.

Então a partir do século XVIII as expedições terão uma perspectiva mais científica e terão destaques cronistas-cientistas que apresentam um novo formato de exploração, agora com olhares voltados para as espécies nativas, formas, cores, abundância, clima e toda uma gama de características que especifique ao máximo a descrição que precisam fazer para posterior catalogação e assim elaborarem seus relatórios para seus superiores. Como já dissemos anteriormente, uma expedição era











Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

tempo em expedição é um tempo precioso, cheio de contratemplos, não seria interessante neste ambiente terem outros que pudessem atrapalhar tirando-lhes a atenção ou fazendo com que a viagem se tornasse mais demorada por conta de certos infortúnios. Pra definição desses outros, mulheres e crianças caberiam bem, são tidos como seres não pensantes que, de certo, não contribuiriam para o avanço das pesquisas, pelo contrário, suas presenças poderiam causar situações e tornar a viagem mais complexa do que já era. Considerando também que para aquelas épocas, mulheres não viviam o ambiente público de uma forma assim tão explícita, salvo eram os casos de mulheres que cuidavam de negócios, estudavam, ou seja, que decidiam sobre sua vida.

É claro que com o tempo os costumes vão mudando e elas vão aparecendo nos relatos, muitas vezes como meras acompanhantes, quando na verdade desempenham funções tão importantes quanto a deles, mas que não são reconhecidas e só é possível sabermos por que os próprios relatos, cujo relatores não as reconhecem, denunciam tanto suas presenças, quanto suas contribuições.

Porém o feminino, assim como o masculino, nunca está totalmente ausente da história da humanidade, seja nas grandes guerras, revoluções. E nessas, mesmo que não haja a presença física, há a presença no imaginário, no discurso e é isto a que esse trabalho se dispõe, tentar mostrar como o feminino esteve presente na literatura de viagem dos séculos XVIII e XIX, mesmo sem a presença física de mulheres, como e porque os homens, mesmo com um discurso extremamente de conquistador do território, de pirata da floresta, não deixa de considerar o feminino e suas nuances quando fala da doçura, do sensual, da silhueta, mesmo que toda essa terminologia seja utilizada para outro fim, que é o da descrição, ele, o homem, não despreza a presença delas, mas não de forma romântica ou dependente ou por achar sua presença importante e necessária no sentido emocional, mesmo que o seja, mas talvez mais com um sentido do poder, de estar no controle e até em suas escritas demonstrar o quanto ele conquista e domina ela, a mulher, ou ela, a natureza. Nisto



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

temos que “o saber assume outro estatuto, quem o detivesse, deteria o poder.”  
(GONDIM, 1994, p.11)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações estabelecidas para a manutenção de forças podem se apresentar de diversas formas. Reconhecer que mesmo com todos os embates que as mulheres, feministas ou não, realizam arduamente e que mesmo assim, o feminino continua sendo descrito de forma coisificada.

Procuramos buscar como essa relação do homem-cronista se desenvolveu mediante seu contato com a Floresta Amazônica. Mesmo que para eles, ela, gênero feminino, fosse “um território distante, remoto no tempo e no espaço, envolto no mistério de seus rios, florestas, línguas “sem história”, enfim, no império de uma violência naturalizada, na fúria ancestral de uma natureza indômita.” (HARDMAN, 2009, p.25), isto não faria dela menos envolvente, uma musa a ser deflorada que trouxesse prazeres a cada espaço adentrado, que respondesse aos seus anseios no sentido de descobrirem os mistérios que ali se escondiam, o que a mata virgem poderia lhes garantir enquanto descoberta e riqueza, até onde ela se permitia que eles fossem, onde ela limitava seus trânsitos, de modo a impedi-los que avançassem e de alguma forma dissesse a eles que deveriam parar, esse comunicado poderia vir de várias formas, seriam eles acometidos por doenças, fome, acidentes ou algum fenômeno da natureza que os impedissem de seguir. Seria esse um relacionamento metafórico de um casal, onde ela “floresta” diria até onde ele “expedicionário” poderia ir?

O principal cronista da anticonquista é uma figura que, por vezes, chamo de “observador” (*seeing-man*), um rótulo conscientemente hostil para o súdito masculino europeu com um horizonte europeu de discurso – aquele cujos olhos imperiais passivamente vêem e possuem. (PRATT, 1999, p.33)





Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994;

HARDMAN, Francisco Foot. "Euclides, a Amazônia e o infinito, pp. 23-80". In\_\_\_\_\_, F.F. **A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009;

KRISTEVA, Julia. Pós-Estruturalismo, Psicanálise, Linguística. a Revolução da Linguagem Poética. p. 189-232. WILIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. 2 ed. Trad. Caio Liudvik. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013;

LIMA, Nísia Trindade de; BOTELHO, André. "Duas viagens amazônicas e o espectro de Euclides da Cunha: malária e civilização em Carlos Chagas e Mário de Andrade", p. 139-178. BASTOS, Elide Rugai; PINTO, Renan Freitas (orgs.). **Vozes da Amazônia II**. Manaus: Valer/Edua, 2014;

MEMMI, Albert. **1920 - Retrato do Descolonizado Árabe-Muçulmano e de Alguns Outros**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007;

PRATT. Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999;

SANTOS, Fabiane Vinente dos. "**Brincos de ouro, saias de chita**": mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em Viagem ao Brasil (1865-1866). Vol. 12. Núm. 1. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2005;

SMITH, Anthony. **Os Conquistadores do Amazonas: quatro séculos de exploração e aventura no maior rio do mundo**. Trad. Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Nova Cultural, 1990;

SOUZA, Márcio. **Amazônia Indígena**. Rio de Janeiro: Record, 2015;

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. 4ª ed. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010;

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de Bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI/XVII**. Manaus: Valer, 2009.